



**Memórias cinematográficas da Ditadura Militar:
os filmes *O ano em que meus pais saíram de férias* e *Cidadão Boilesen***

Marco Alexandre de Aguiar¹

Resumo

Os filmes *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006) e *Cidadão Boilesen* (Chaim Litewski, 2009) enfocam um mesmo período, ou seja, o início dos anos 70 do século passado. O primeiro aborda a história de um menino de 11 anos que teve sua vida transtornada devido à militância dos pais. O segundo enfoca a vida do empresário Henning Boilesen, que financiava a OBAN (Operação Bandeirantes) e gostava de assistir as torturas pessoalmente. O artigo faz uma análise dos filmes e discute a inserção destes na disputa pela memória em relação à ditadura civil-militar (1964 a 1985).

Abstract

The year that my parents went on vacation (Cao Hamburger, 2006) and Citizen Boilesen (Chaim Litewski, 2009) focus on the same period, that is, the beginning of the 1970s. The first covers the story of an 11-year-old boy who had his life upset because of his parents' militancy. The second focuses on the life of entrepreneur Henning Boilesen, who financed OBAN (Operação Bandeirantes) and enjoyed watching the tortures in person. The article analyzes the films and discusses the insertion of these in the dispute for memory in relation to the civil-military dictatorship (1964 to 1985).

Desde o início da Ditadura Militar (1964 a 1985) houve filmes abordando essa temática. Há uma divisão entre filmes produzidos durante a ditadura e os filmes realizados posteriormente. Sobre os primeiros podemos mencionar o filme *O Desafio* (Paulo César Saraceni, 1965), que abordou as frustrações geradas pelo golpe militar de 1964. Os filmes deste artigo, ou seja, *O Ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006) e *Cidadão Boilesen* (Chaim Litewski, 2009) possuem um distanciamento considerável do período em foco. O primeiro apresenta

¹ Doutor em história pela Unesp, professor da Unifac Associação de Ensino de Botucatu.



uma perspectiva diferente da maioria dos filmes sobre o tema, o protagonista é um menino de 11 anos. O segundo, um documentário dirigido por Chaim Litewski, surgiu devido à curiosidade do diretor desde a sua adolescência. Ao ver a notícia na televisão sobre a morte de Henning Boilesen, Chaim Litewski ficou intrigado e passou a guardar documentação sobre o caso.

O filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, possui as características simultâneas de ser um filme de ficção e de representação histórica. No *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*, a ficção pode ser definida “como tudo o que é inventado como simulacro” (AUMONT, Jacques, MARIE, Michel, 2003, p. 125). Além disso, considera que “toda ilusão é relativa, pois ela depende do contexto, e, sobretudo das expectativas do espectador” (AUMONT, Jacques, MARIE, Michel, 2003, p. 159). Desde o início do cinema existiram filmes com temáticas históricas. Durante o período em que predominou uma visão positivista, o documento escrito era valorizado e as imagens, sejam as fixas ou em movimento, não possuíam sentido para o historiador. Superado esse momento, os historiadores inseriram o cinema em seus estudos. Um filme pode nos ensinar sobre a sociedade que o produziu, assim como pode se inserir na disputa pela memória existente sobre um determinado tema.

Nos últimos anos houve um aumento do número de documentários no cinema brasileiro. Além disso, ele tem passado por muitas transformações, que tem ampliado a sua estética. Muitos deles bastante distantes daquele documentário tradicional. Quais seriam as mudanças que os documentários têm apresentado? O diretor Kiko Goifman, por exemplo, produziu o filme *33* (Kiko Goifman, 2003), no qual o próprio diretor vira personagem. Além de virar personagem, colocou um tema da sua vida privada, sua busca pela mãe biológica. Eduardo Coutinho em *Jogos de cena* (Eduardo Coutinho, 2007) realiza uma “brincadeira”, um “jogo”, mesclando depoimentos de mulheres anônimas, com atrizes famosas e atrizes “desconhecidas”.

A ditadura na perspectiva de um menino de 11 anos

O filme *O ano em que meus pais saíram de férias* possui um tom autobiográfico, uma vez que o diretor Cao Hamburger, filho de professores de Física da USP (Ernst Wolfgang Hamburger e Amélia Hamburger), foram presos durante a ditadura militar. Além disso, o filme se passa no Bairro Bom Retiro, com forte influência judaica. O pai de Hamburger veio da Alemanha para o Brasil com apenas três anos e possui ascendência judaica.



Grande parte dos filmes que abordam a ditadura militar faz opção pela exibição de torturas, como forma de denúncia às atrocidades cometidas no período ou como forma de utilização de um clichê que pode trazer audiência. Na visão de Eduardo Valente, o filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, consegue um equilíbrio de não entrar numa seara sensacionalista, mas, ao mesmo tempo, possui imagens que mostram o autoritarismo do período. Eis a maneira com Eduardo Valente da Revista Cinética encarou essa questão: “A forma como Cao Hamburger articula os dois ambientes (pessoal e sócio-político) é ao mesmo tempo simples, provando que não há problema em não se fazer ‘filme político’ sobre o período” (VALENTE, Eduardo, 2006, p. 6).

O diretor Cao Hamburger optou por “contar uma história” dentro da visão de um menino de 11 anos. Dessa maneira o filme realiza um recorte, enfoca um grupo social específico, ou seja, de filhos de ex-guerrilheiros perseguidos e mortos durante a ditadura. Há filmes que abordam esse tema, como o filme *Nunca fomos tão felizes* (Murilo Salles, 1984) em que o protagonista, um jovem de 17 anos depois de passar um período internado em uma escola, volta a ter contato com o pai, mas este tem um comportamento inusitado, e o rapaz fica questionando as atividades do pai.

Em 1996, Marta Nehring e Maria de Oliveira produziram o documentário e curta-metragem (20 m) chamado *15 filhos* (Marta Nehring e Maria de Oliveira, 1995). O filme reúne o depoimento de jovens, que no momento do filme possuíam em torno de 30 anos, e que, quando seus pais foram atingidos pela prisão, pelo exílio, pelo assassinato ou tortura, tinham entre cinco e dezesseis anos de idade. A psicóloga e militante política perseguida na ditadura militar, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes escreveu o artigo *Dor e desamparo – filhos e pais, 40 anos depois*, em que analisa o documentário. A autora informa que a diretora do filme ao solicitar o depoimento dos jovens pediu para estes não dar a opinião deles a respeito do tema, mas, sim que abordassem alguma lembrança (CUNHA, Maria Auxiliadora de Almeida, 2008, p.7). Inclusive, a própria diretora Marta Nehring também participa do filme prestando depoimento. Ela conta sobre uma situação em que ao encontrar o pai não podia conversar com ele devido à clandestinidade, mas, que este deu uma piscada para ela que marcou sua memória. Ao assistir o filme, constatamos histórias de crianças assistindo, junto com a mãe, o assassinato do pai, ou de crianças que nasceram na cadeia e não conheceram o pai, ou a história de Ivan Seixas, com dezesseis anos, preso junto com o pai e barbaramente torturado.

O filme *O Ano em que meus pais saíram de férias*, apresenta imagens relacionadas diretamente à ditadura, como aquela em que o menino Mauro



presença a cavalaria em ação numa repressão aos estudantes, ou na cena em que o personagem comunista Ítalo picha “abaixo a ditadura”, mas o filme possui cenas típicas de um “cotidiano comum”. Assim temos Mauro se enturmado e brincando com as crianças da rua, tendo que fazer xixi na planta da casa de Shlomo (porque este estava tomando banho) e quando sai do banheiro percebe, assustado, que Mauro não é judeu, ou quando numa festa resolve dançar de um “jeito esquisito” e a turma o segue.

Essa característica do filme possui relação com um debate historiográfico relacionado ao tema da Ditadura Militar. Janaina Martins Cordeiro em *Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici* coloca a questão de que a memória sobre a ditadura militar sempre se colocou em dois pólos, os daqueles perseguidos pelos militares que sofreram os horrores da prisão, tortura e morte e os perseguidores. Entretanto a autora coloca “que para além da resistência e da colaboração ativa, é preciso prestar atenção na passividade, na indiferença” (CORDEIRO, p. 12). Ela argumenta que não havia apenas esses dois pólos. Dentro dessa perspectiva, podemos mencionar a cena do filme *O Ano em que meus pais saíram de férias*, em que ocorre um jogo de futebol no bairro Bom Retiro entre judeus e italianos. Aqui temos pessoas “comuns” vivendo sua vida cotidiana, se divertindo numa partida de futebol. Inclusive temos o personagem militante, Ítalo, participando da partida de forma empolgante, mostrando a tradição do jogo no bairro.

Ao analisar um filme, o historiador trabalha com temporalidades distintas. No caso do filme em foco, podemos mencionar o ano de 1970, momento em que a história se passa o ano de 2006, momento da produção do filme e 2016, momento de análise deste. Além dessa questão mencionaremos a historiadora Maria Lúcia Bastos Kern, no artigo *Imagem, historiografia, memória e tempo*, em que estuda questões relacionadas à memória, a modernidade e argumenta que, uma determinada obra de arte pode ter temporalidades distintas (KERN, 2010, p. 18). A autora considera que um determinado quadro, música ou filme pode conter elementos de diferentes momentos.

Como o filme selecionado para análise trata-se de uma reconstituição histórica de 1970, há um esforço para mostrar coisas da época, como máquina de escrever, navalha, fusquinha, álbum da copa de 1970, imagens “documentais” dos jogos da copa, etc. Na cena em que a menina Hanna joga bola junto com os meninos, podemos nos perguntar se essa atitude tem mais relação com a época retratada ou o momento da produção do filme? Se compararmos com o já mencionado filme *Nunca fomos tão felizes* (Murilo Salles, 1984) percebemos uma



atitude mais comportada do filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, que podemos apontar como característica de um tipo de cinema que passou a dominar a partir dos anos noventa do século passado. No início do filme, na cena em que Mauro está viajando com os pais, a estratégia de colocar personagens ouvindo o rádio e assim contextualizar o período, é um procedimento muito comum. No filme *Pra frente Brasil* (Reginaldo Faria, 1982), para mencionar apenas um exemplo, esse procedimento é utilizado largamente.

Na análise fílmica em questão, temos os pais deixando o filho com sofrimento em nome de uma causa, de uma tentativa de transformação da sociedade. Eles, enquanto indivíduos pensantes, se colocam como portadores da possibilidade da implantação de uma sociedade comunista, ou seja, estamos nos referindo à atuação idealista dos grupos guerrilheiros no final dos anos 60 e início dos 70 do século passado. No final do filme, a mãe abraça o filho desesperadamente, falando da saudade enorme que sentiu desse, denunciando que a escolha pela atuação política não se deu sem a ausência de conflitos. Jacob Gorender, em entrevista ao Programa Roda Viva da TV Cultura de São Paulo, questionado sobre como os seus pais viram a sua militância política, reconheceu que causou grandes transtornos aos seus pais, mas que apesar de sentir muito por isso considerou que “para fazer algo que vale a pena na vida, necessitamos tomar certas atitudes”.

O personagem Mauro possui a característica de ser filho de militantes políticos e isso fez que com que ele sofra as conseqüências disto, como perder o pai e ir morar fora do seu país. Em relação ao tema do exílio, abordaremos casos de pessoas que viveram essa experiência na infância. Focaremos o depoimento de Flávia Castro, que viveu o exílio na infância e escreveu sobre o assunto no artigo *O exílio invisível das crianças*. Ela saiu do Brasil com cinco anos e voltou com catorze anos, passando por vários países. No seu texto, ela expõe as diferenças do exílio entre as crianças e os adultos. Dessa maneira ela coloca a seguinte questão: “Para mim, o exílio sempre foi vivido em relação ao último país onde os laços se criaram, enquanto que para os pais a referência sempre era o Brasil” (CASTRO, 2014, p.9). No seu relato, ela aborda questões do cotidiano, como a mãe e uma amiga preparando cestinhas de ovos de páscoa. Além disso, aborda o período em que ficaram confinados na embaixada da Argentina em Santiago (Chile) no momento do golpe de Pinochet. Flávia Castro coloca que, apesar dos vários problemas da situação (tiros, medo, riscos) considera que teve um momento feliz nessa ocasião, porque ao viver com crianças de toda a América Latina numa mesma situação, encontrou uma identidade. Flávia Castro escreveu: “esperando, num lugar que não



é um país e que é provisório para todos. Eu acho que essa alegria tem a ver com se sentir fazer parte de um mesmo grupo” (CASTRO, 2014, p. 15). Temos aqui um tema caro aos historiadores que é a questão da memória/identidade, ou seja, ao se sentir parte de um grupo Flávia se sentiu aliviada, ao contrário de outros países, como Bélgica e França, onde era “a única exilada”.

O cantor e ex-integrante da banda Titãs, Sérgio Britto, viveu parte da sua infância no Chile devido ao fato de ser filho de Almino Afonso, ministro do trabalho do governo de João Goulart. Em um programa da TV Brasil² entrevistou várias pessoas que viveram a experiência do exílio. Em um dos depoimentos colhidos, a entrevistada foi Marta Nehring, que viveu no exílio durante a sua infância. Ela abordou a viagem para Cuba realizada em várias etapas. No Canadá, Marta (na época tinha cinco anos), considera que foi horrível porque aqueles que tinham destino a “Ilha de Fidel” ficavam numa sala afastada e todos ficavam encarando de forma horrível. De forma paradoxal, Marta avalia que a volta para o Brasil foi muito difícil. Ela afirma que durante o período em que esteve em Cuba, ela era valorizada como filha de um militante, enquanto que no Brasil (voltou em 1975 em plena ditadura), ela necessitava esconder sua verdadeira identidade, contava que o pai morreria em um acidente e que vivera na França, por conta do seu padrasto ser um diplomata. Na foto abaixo, temos Flávia Castro (no centro) quando criança no exílio (Argentina, 1974).



Flávia de Castro no exílio (Argentina, 1974)

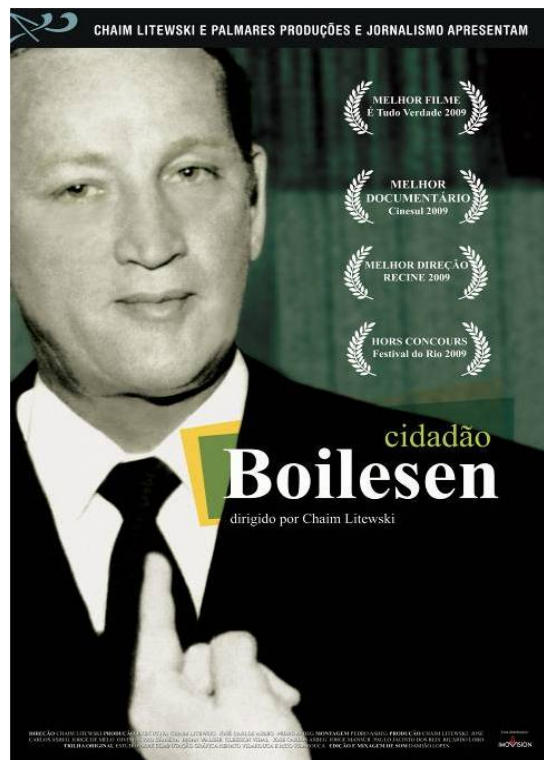
² Disponível em <http://tvbrasil.ebc.com.br/exilio-e-cancoes/episodio/marta-nehring-infancia-no-exilio>



Sérgio Britto também teve dificuldade no seu retorno ao Brasil, afirma que estava enturmado no Chile e que voltar foi dolorido. Outra questão importante apresentada por Marta Nehring é a de que, apesar da pouca idade, ela tinha uma consciência bem clara de tudo que estava acontecendo, que havia um discurso bem claro de que havia uma luta. No seu depoimento ela aborda a questão da seguinte maneira: “eu tinha a consciência que se fosse encontrar meu pai, eu tinha que fingir que não o conhecia. O que com cinco anos, era uma consciência espantosa. Mas para mim era uma coisa natural, eu era imbuída da visão de que eu era uma pequena guerrilheira”. Essa postura de Marta Nehring é diferente dos protagonistas dos filmes *O ano em que meus pais saíram de férias* e *Nunca fomos tão felizes*. Nestes os jovens não entendem o porquê das situações em que estão envolvidos. Para estes, destaca-se o mistério em que estão inseridos.

A relação entre militares e empresários no filme *Cidadão Boilesen* (Chaim Litewski, 2009)

Em relação ao documentário, *Cidadão Boilesen* de Chaim Litewski, podemos constatar uma mescla de momentos de inovação, com momentos de um documentário convencional. Em relação às inovações, podemos mencionar o uso da animação, uma linguagem de história de quadrinhos, quando há a encenação do “justiçamento” do empresário da Ultragaz, Henning Albert Boilesen (1916-1971). As músicas junto com um tom de voz irônica do narrador, em alguns momentos, apresentam uma perspectiva de sarcasmo e ironia. O que há de “convencional” são os depoimentos de pessoas envolvidas no conflito entre os militares e a atuação dos grupos guerrilheiros no final dos anos 60 e início dos 70 do século passado. Aqui encontramos um dos méritos do filme, ou seja, a grande quantidade de documentos apresentados devido a uma longa pesquisa realizada pelo diretor.



Cartaz de *Cidadão Boilesen*

O filme aborda essencialmente o assassinato do presidente da Ultragaz, Henning Albert Boilesen, ocorrido em 1971. Henning, assim como vários empresários do período, financiou a OBAN (Operação Bandeirantes), criada com o intuito de aparelhar as forças de repressão para o combate à oposição. A maioria dos empresários se contentava em financiar a repressão, já que estes estavam satisfeitos com a política do governo (milagre econômico), mas Boilesen ia além, gostava de assistir as sessões de tortura, freqüentando as cadeias. Isso chamou a atenção dos grupos guerrilheiros, que criaram uma lista para a realização de "justiçamentos".

O diretor Chaim Litewski considera o depoimento do ex-guerrilheiro Carlos Eugênio da Paz, como fundamental para a realização do seu filme. No site da UOL (Cineweb), no artigo *Diretor de "Cidadão Boilesen" quer reacender discussão sobre tortura na ditadura*, de Alysson Oliveira, Litewski afirma que quando conseguiu o depoimento de Paz, abordando entre outras questões, que foi ele quem deu o tiro de misericórdia em Boilesen, e que, neste momento, sentiu que o documentário seria efetivamente realizado. No depoimento do ex-guerrilheiro, afirma que os companheiros de luta armada comentavam que, nas ações realizadas morriam



alguns soldados, mas que os “grandões”, ficavam imunes. Então resolveram pegar alguém de peso, ou seja, o empresário Boilesen que gostava de presenciar a tortura.

Na Revista Brasileiros (www.revistabrasileiros.com.br) há uma reportagem de Daniel Lisboa sobre o diretor Chaim Litewski e seu documentário. Nela temos várias informações, como a que há muitos anos Litewski trabalha em Nova York na ONU, como chefe do Departamento de Televisão. O documentário *Cidadão Boilesen* trata-se de uma produção independente, financiada pelo próprio diretor (estima-se um custo de US\$100 mil). Litewski, filho de pais sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, desde cedo, teve o tema de guerras e conflitos presentes em sua vida. Desde menino, ficava intrigado do por que os homens produzirem estes horrores. Na adolescência assistiu a notícia na televisão da morte do empresário da Ultrazox e desde essa época se manteve curioso em relação ao tema e começou a guardar documentação a respeito.

No seu trabalho na ONU, Litewski realizou a cobertura de várias guerras e eventos traumáticos. Sendo o mais marcante, o genocídio em Ruanda na África, que lhe deixou seqüelas e um tratamento psiquiátrico. Nesta reportagem de Daniel Lisboa, selecionamos duas questões pertinentes a este artigo. A primeira sobre a chegada do documento do SNI, corroborando a hipótese de que Boilesen foi um dos fundadores da OBAN e que assistia às sessões de tortura (essas informações eram encaminhadas ao presidente Médici). Constatamos o esforço de Litewski com a documentação e também uma estratégia utilizada parecida com a do projeto do livro *Brasil nunca mais*, ou seja, de se utilizar como fonte documentos expedidos pelos próprios militares. A segunda questão nos remete ao apoio do jornal *Folha de São Paulo* ao governo da ditadura militar. Extraímos um depoimento de Litewski bastante esclarecedor sobre esse assunto: “Boilesen era muito próximo do (Otávio) Frias, e tinha um controle sobre a mídia em geral. Proibiu a imprensa de noticiar, por exemplo, um produto chamado ‘xisto betuminoso’, porque poderia afetar as vendas de gás” (LISBOA, Daniel, 2010, p. 4)

No documentário *Cidadão Boilesen*, há dois depoimentos de ex-guerrilheiros, Daniel Aarão Reis Filho e Carlos Eugênio da Paz colocando a questão da *Folha de São Paulo* ceder suas caminhonetas para a OBAN. Estas eram utilizadas no levantamento de informações e captura de guerrilheiros. Em 2011, quando o jornal fez 90 anos, publicou um material retrospectivo sobre a sua história com o título “Os 90 anos da *Folha* em 9 atos”. Na parte sobre a ditadura militar há um reconhecimento do jornal do seu apoio: “A partir de 1969, a *Folha da Tarde* alinhou-se ao esquema de repressão à luta armada, publicando manchetes que exaltavam



as operações militares”. Entretanto sobre o uso das caminhonetes do jornal para a repressão militar o jornal se colocou da seguinte maneira: “a direção da *Folha* sempre negou ter conhecimento do uso de seus carros para tais fins.”

O lançamento de *Cidadão Boilesen* ocorreu em final de 2009, enquanto que no começo deste ano o jornal *Folha de São Paulo* produziu um editorial que causou muita polêmica. Publicado no dia 17 de fevereiro de 2009, com o título *Limites a Chávez* o editorial usou a expressão “ditabranda” para o período autoritário brasileiro. Depois de várias críticas ao regime de Hugo Chávez, há uma comparação entre a ditadura brasileira e a “ditadura chavista”. Enquanto na primeira houve um rompimento da institucionalidade e implantação de uma ditadura, na Venezuela teria ocorrido o contrário, ou seja, depois de eleito, o presidente, teria promovido uma transição da democracia para a ditadura.

Uma das repercussões ocorridas resultou na produção de um abaixo assinado intitulado Repúdio e Solidariedade, defendendo a idéia de que o termo denigre a memória daqueles que lutaram contra a ditadura e sofreram com as conseqüências. No artigo Crônica política sobre um documento contra a “ditabranda” de Caio Navarro de Toledo, há depoimentos de ex-presos políticos. Um deles afirma que os torturadores o obrigavam a ler o Jornal da Tarde (um dos nomes da Folha de São Paulo na época), com manchetes de morte de “terroristas” atropelados e mortos durante perseguição policial. Caio Navarro de Toledo, coloca a pertinente questão de que a Folha de São Paulo reconheceu o erro do termo “ditabranda”, mas na sequência do artigo corroborou a concepção de “ditabranda” ao colocar a questão das ditaduras de Chile, Argentina, Uruguai e Cuba como mais violentas que a brasileira.

Devemos ter cuidado com essas comparações. A ditadura brasileira teve um número bem menor de presos, torturados e mortos do que, por exemplo, as ditaduras argentina e chilena, entretanto aqueles que sofreram as torturas no Brasil, ou os familiares daqueles que tiveram parentes torturados e mortos, não tiveram nenhuma brandura. Além disso, pensando nas novas gerações, que não viveram o período autoritário, torna-se arriscado colocar essa denominação de branda.

O historiador Carlos Fico, no site Café História realiza “palestras” debatendo o tema. Uma questão enfatizada refere-se à denominação do período autoritário, que deve ser chamado de ditadura civil-militar. No filme *Cidadão Boilesen*, Carlos Fico aborda essa questão e afirma que no momento do golpe houve amplo apoio a este e muitos civis imaginavam que a intervenção militar não seria duradoura. Diversas lideranças que apoiaram o golpe, como Magalhães Pinto, Carlos Lacerda,



Adhemar de Barros e Juscelino Kubitschek não só deixaram de apoiar como também foram perseguidos. Apesar de muitos civis deixarem de apoiar os militares, ainda assim, este apoio continuou existindo, principalmente nos setores empresariais.

Na ótica de Carlos Fico, a análise do golpe em si não atrai muito interesse dos pesquisadores. Nas palestras realizadas pelo historiador este tem colocado a questão que existem temas tabus que nos momentos imediatamente posteriores às ditaduras eram difíceis de serem abordados, mas que agora, com certo distanciamento elas devem ser enfrentadas. Mencionaremos duas questões: 1) O mito de que a luta armada foi heróica. Carlos Fico afirma que ela também deve ser criticada, ou seja, analisada historicamente. 2) Para Carlos Fico a contribuição da luta armada para a volta da democracia foi nula, já que a repressão argumentava a necessidade de ficar mais no poder por causa da existência da luta armada, ou seja, os militares criaram um pretexto para se manter no poder mesmo quando os grupos armados já tinham sido derrotados. Essa questão possui uma grande complexidade, já que, dizer que estratégias oposicionistas, como o caso extremo da luta armada ou outras formas de oposição, não contribuem para o fim de uma ditadura, pode estar querendo dizer que não se deve fazer oposição a um regime autoritário, com o risco de contribuir para a maior duração deste.

Retomando questões relacionadas ao cinema e a ditadura, mencionaremos a pesquisa de Caroline Gomes Leite, que recentemente escreveu o livro *Ditadura em imagens e som*. A autora analisou filmes sobre a ditadura no período de 1979 a 2009. A obra menciona e estuda filmes pouco conhecidos do grande público. Uma questão analisada trata-se de que a maioria dos filmes brasileiros sobre a temática apresenta um tom oposicionista, ou seja, há pouquíssimos filmes com o ponto de vista dos militares. Essa questão não se refere apenas aos filmes, os livros de memória na sua grande maioria também apresentam um perfil de esquerda.

Caroline Gomes Leite analisou o filme *Corpo em delito* (1990, direção de Nuno Cesar de Abreu) em que o protagonista, um médico que colaborou com os militares, produzindo documentos de autópsias favoráveis ao governo militar, possuía uma ideologia de direita. No filme essa ideologia remonta ao integralismo do pai do personagem e trata-se de um raro filme, em que temos espaço para um personagem com essa ideologia. Nesse sentido cabe uma comparação com o documentário *Cidadão Boilesen*, já que este apresenta um bom espaço para depoimentos de pessoas defendendo o empresário Henning Albert Boilesen, bem como vários militares argumentando favoravelmente ao regime militar. Em 2012 o Canal Brasil, com a direção de Paulo Henrique Fontenelle, produziu o documentário *Dossiê Jango*, levantando várias informações e depoimentos para construir a



interpretação de que, provavelmente, João Goulart foi assassinado. No caso deste filme, temos uma única voz servindo de contrapondo, a do historiador Muniz Sodré.

O diretor Chaim Litewski, inseriu trechos de vários filmes no documentário *Cidadão Boilesen: Brazil, a report on torture* (Saul Lundau e Haskell Wexler, 1971), *Pra frente Brasil* (Roberto Farias, 1982), *Lamarca* (Sérgio Rezende, 1994), *Batismo de sangue* (Helvécio Raton, 2006) e *Você também pode dar um presunto legal* (Sérgio Muniz, 2008). Esse procedimento é muito comum, principalmente em reportagens jornalísticas. Muitas vezes esses trechos são utilizados para corroborar ou ilustrar o depoimento dos “personagens”. Assim, na cena em que Carlos Eugênio da Paz apresenta o debate que existiu entre os guerrilheiros, de que normalmente nos embates ocorridos morriam um pequeno “soldado”, mas não alguém da elite que apoiava a ditadura, há a imagem do filme *Lamarca*, com este personagem dando um tiro em um soldado. Dentro desse mesmo procedimento, quando vários depoentes estão abordando a questão da lista com nomes de empresários que deveriam ser “justiçados”, há cenas do filme *Pra frente Brasil* abordando esse mesmo assunto. O filme *Brazil, a report on torture* (Saul Lundau e Haskell Wexler, 1971) é único que não foi produzido posteriormente à ditadura, ao contrário, realizado em 1971, ano em que Boilesen foi assassinado, apresenta depoimentos de brasileiros no exílio abordando o tema da ditadura.

Como mencionamos anteriormente, Caroline Gomes Leite se esforçou em trabalhar com filmes pouco conhecidos do público, “filmes esquecidos”. Ela aponta três filmes como mais famosos sobre ditadura: *Pra frente Brasil* (Roberto Farias, 1982), *Lamarca* (Sérgio Rezende, 1994) e *O que é isso companheiro* (Bruno Barreto, 1997). Sendo assim, ela procurou filmes com visões diferentes da visão dominante sobre o período autoritário. Ela procura “destruir certos mitos”, como aquele que apresenta o filme *Pra frente Brasil* (Roberto Farias, 1982) como o “primeiro” sobre a ditadura. A pesquisadora faz questão de mencionar e analisar filmes anteriores a este, como *Paula: a história de uma subversiva* (Francisco Ramalho Jr, 1979) e *E agora, José? Tortura do sexo* (Oldy Fraga, 1980), uma produção da “Boca do Lixo”.

A Revista Cinética, que possui um perfil rigoroso na análise dos filmes, produziu *Cinema Brasileiro, Anos 2000, 10 questões*, um conjunto de textos debatendo os filmes da década de 2000. Nesse período ocorreu a quebra da maior bilheteria do cinema brasileiro, com *Tropa de Elite 2*, com 11 milhões de espectadores (2010), ultrapassando um filme que “carregou o troféu” durante muito tempo, ou seja, *Dona Flor e seus dois maridos* (Bruno Barreto, 1976). No texto de Cléber Eduardo, intitulado *Para onde vão nossos heróis*, há uma questão



interessante relacionado ao documentário *Cidadão Boilesen*: “enquanto o cinema brasileiro possui uma tradição de cinebiografias enaltecendo o protagonista, o filme de Chaim Litewski se constitui um filme ‘na contramão’ dessa tendência” (EDUARDO, VIEIRA, 2011, p.21).

No artigo de Cléber Eduardo, denominado *Deslocamentos: para onde e por quê?* existe uma análise de filmes que abordam viagens, migrações ou imigrações. O deslocamento é considerado um dos traços do cinema brasileiro no período. Passando por filmes como *O céu de Suely* (Karim Ainouz, 2006), *Jean Charles* (Henrique Goldman, 2009) considerado um derivado de *Terra estrangeira* (Daniela Thomas e Walter Salles, 1994) da década anterior, passando por *Cidadão Boilesen*, que apresenta o deslocamento do “nórdico financiador de tortura no regime militar”. No documentário *Cidadão Boilesen*, o diretor viaja para Dinamarca para buscar informações em arquivos sobre o seu protagonista.

O diretor Chaim Litewski, procurou cruzar informações de diversas maneiras. Temos o general falecido Carlos Alberto Brilhante Ustra afirmando sobre a criação da OBAN, argumentando a precariedade existente, substituída por uma melhor organização das informações com o dinheiro que passou a existir. Na sequência, temos Jacob Gorender (ex-guerrilheiro) abordando a mesma questão da fundação da OBAN, com a transformação de uma delegacia de polícia da rua Tutóia em uma organização eficiente. Duas pessoas com posturas distintas “afirmando a mesma coisa”. Em outro momento, há imagem de propaganda oficial do governo falando do Brasil como democracia e na sequência ex-militante no exílio classificando o Brasil como democracia da tortura.

O próprio protagonista é descrito de várias maneiras e por várias pessoas. O Coronel Erasmo Dias afirmou que “ele era muito bacana e pensava como a gente”, o psicólogo Ebbe Rosengaard abordou que ele tinha liderança e carisma, Paulo Egydio Martins, ex-governador de São Paulo, o considerava um idealista, puro e integro. Ao mesmo tempo o escritor e jornalista Roberto Elisabetsky afirmou que Boilesen tinha um lado sádico e cruel, o psicólogo Ebbe Rosengaard considerou que ele tinha várias personalidades, poderia ser muito agradável e extremamente agressivo, enquanto a arquivista na Dinamarca, a partir dos documentos da escola, afirmou que Boilesen quando menino se divertia ao ver seus amigos serem punidos.

Segundo o depoimento do general Carlos Alberto Brilhante Ustra, a esquerda inventou uma farsa de que Boilesen freqüentava as sessões de tortura, enquanto Dirceu Antonio, ex-agente da OBAN, afirmou que Boilesen freqüentava constantemente a OBAN, gostava muito e cumprimentava todo mundo. No programa Roda Viva da TV Cultura de 2006, portanto antes do documentário de



Litewski, o ex-militante Jacob Gorender ao focar o surgimento da Oban, abordou o assunto da seguinte maneira: “e esse Henning Boilesen, por temperamento, devia ser um sádico. Ele ia à Operação Bandeirante para ver a tortura, para ver os presos. Passeava por ali, ia com freqüência”. Gorender conclui que esse comportamento chamou a atenção dos grupos de luta armada e isto levou a morte de Boilesen.

Em relação a depoimentos de jornalistas, Percival de Souza apontou que a OBAN extraiu do Esquadrão da morte a concepção de eliminação sumária de opositores, enquanto o jornalista Helio Contreiras informou que pelo menos dois empresários se recusaram a financiar a OBAN, Antonio Ermírio de Moraes e José Mindlin.

No final de *Cidadão Boilesen* temos uma encenação da morte de Henning Boilesen. Vários depoentes descrevem a sua morte: General Octávio Costa, General Carlos Alberto Brilhante Ustra, jornalista Roberto Elisabetsky, o filho de Boilesen, ex-guerrilheiro Carlos Eugênio da Paz. Há a leitura de trecho do diário de Yuri Xavier Pereira, abordando a felicidade dos guerrilheiros ao cumprir a missão. Alternando esses depoimentos, com imagens do filme *Pra frente Brasil*, na parte em que guerrilheiros matam um empresário, temos também imagens de história de quadrinhos.



Imagem do filme *Cidadão Boilesen* (Chaim Litewski, 2009)

O documentário *Cidadão Boilesen*, vencedor do *Festival É Tudo Verdade* de 2009, se insere no contexto de aumento da produção desse gênero cinematográfico no Brasil, enquanto *O ano em que meus pais saíram de férias* teve uma boa



recepção da crítica. Os dois filmes apresentam um rigor na sua produção e podemos refletir sobre a contribuição de ambos na disputa pela memória em relação à ditadura civil-militar. O primeiro apresenta uma rica documentação que pode, dentre outras colaborações, contribuir para o debate historiográfico. Além disso, possui o mérito de fazer uma reflexão densa sobre o período sem deixar de se posicionar, sem deixar de condenar as arbitrariedades cometidas no período. O filme *O ano em que meus pais saíram de férias* possui um tom intimista, centrado no olhar de um menino, que acaba tendo uma rica relação com o judeu Shlomo. Devido as suas características, atrai pessoas de várias faixas etárias, mas possui um potencial de atração dos mais jovens. Dentro desse momento político conturbado que estamos vivendo, em que a nossa democracia sofre sérios abalos, os dois filmes podem trazer uma grande contribuição na sua exibição em escolas, universidades ou em qualquer lugar.

Referências

Jornais e Revistas

LISBOA, Daniel. *Chaim Litewski dirigiu o premiado Cidadão Boilesen quando não estava cobrindo conflitos mundo afora*. Revista Brasileiros, 19/04/2010.

Limites a Chávez. Editorial. *Folha de S. Paulo*, 17/02/2009.

OLIVEIRA, Alysso. *Diretor de "Cidadão Boilesen" quer reacender discussão sobre tortura na ditadura*. UOL, Cineweb.

PILAGALLO, Oscar. *90 anos da Folha em 9 atos*. *Folha de S. Paulo*, 19/02/2011.

Livros e artigos

AGUIAR, Marco Alexandre. *A disputa pela memória: os filmes Lamarca e O que é isso companheiro?* Assis, 2008. Tese. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista. (Área de conhecimento: História e Sociedade).

ARANTES, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes. *Dor e desamparo – filhos e pais, 40 anos depois*. *Psicol. clin.* vol.20 no.2 Rio de Janeiro: 2008

ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil Nunca Mais*. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

AUMONT, Jacques, MARIE, Michel. *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*. Campinas (SP): Papyrus, 2003.

BURKE, Peter. *História como memória social. Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASTRO, Flávia. *O exílio invisível das crianças*. (30/03/2014) Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/flavia-castro/o-exilio-invisivel-das-criancas_b_5052309.html



CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Estudos Históricos (Rio J.)* vol.22 no.43 Rio de Janeiro jan./jun. 2009

DELGADO, Neves Almeida, Lucilia (org.). *O Brasil Republicano. V. 4.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EDUARDO, Cléber. VIEIRA, João Luiz Vieira. *Cinema Brasileiro, Anos 2000, 10 questões.* Disponível em: http://www.revistacinetica.com.br/anos2000/ficha_tecnica.php

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia história.* vol.28, n.47, Belo Horizonte jan/jun 2012.

LEITE, Caroline Gomes. *Ditadura em imagens e som: trinta anos de produções cinematográficas sobre o regime militar brasileiro.* São Paulo: editora da Unesp, 2013.

MASIERO, Cláudia Gisele, SILVA, Ennes da Silva, SILVA, Tiago. A ditadura militar através do olhar infantil: representações e imaginários social no filme *O ano em que meus pais saíram de férias.* *Oficina do Historiador,* Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 7, n.2, jul/dez. 2014, p. 173-196.

MORETTIN Eduardo. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. *Caderno de cinema do professor.* Volume dois. São Paulo, Governo do estado de São Paulo, 2009

PINTO, Viviane Cavalcante. *Pós-ditadura e Direitos Humanos: Um debate a partir do filme "O ano em que meus pais saíram de férias.* Anais do XV Encontro Estadual de História – 1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado" 2014, UFSC, Florianópolis.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Imagem, historiografia, memória e tempo. *ArtCultura,* Uberlândia, v. 12, nº 21, p-9-21, jul-dez.2010

SILVA, Marcos (org.) *Ditaduras no cinema.* São Paulo: LCTE Ediora, 2016.

TOLEDO, Caio Navarro de. Crônica política sobre um documento contra a "ditabranda" *Revista de Sociologia Política.* vol.17 no.34 Curitiba out. 2009.

VALENTE, Eduardo. *O ano em que Meus Pais Saíram de Férias,* de Cao Hamburger (Brasil, 2006). *Revista Cinética.* Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/anoemquecartaz.htm>.

Fichas Técnicas

Cidadão Boilesen de Chaim Litewski (2009, 92 min.). Sinopse: *O documentário revela as ligações de Henning Albert Boilesen (1916-1971), presidente do famoso grupo Ultra, da Ultragas, com a ditadura militar, ajudando no financiamento da repressão violenta, e também sua participação na criação da temível Oban – Operação Bandeirante, espécie de pedra fundamental do DOI-CODI.* Direção e roteiro: Chaim Litewski Produção: Chaim Litewski e Pedro Asbeg Fotografia: Cleisson Vidal, José Carlos Asbeg e Ricardo Lobo Montagem: Pedro Asbeg.

O ano em que meus pais saíram de férias de Cao Hamburger (2006, duração 97m.) Sinopse: Em 1970, o Brasil e o mundo parecem estar de cabeça para baixo, mas a maior preocupação na vida de Mauro, um garoto de 12 anos, tem pouco a ver com a ditadura militar que impera no País, seu maior sonho é ver o Brasil tricampeão mundial de futebol. De repente, ele é separado dos pais e obrigado a se



adaptar a uma estranha e divertida comunidade - o Bom Retiro, bairro de São Paulo, que abriga judeus, italianos, entre outras culturas. Uma história emocionante de superação e solidariedade. Roteiro Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert, Cao Hamburger, Produção: Caio Gullane, Cao Hamburger, Fabiano Gullane, Fotografia: Adriano Goldman, Montagem: Daniel Rezende.